

---

SAINTOUT, Florencia. **Jóvenes:** el futuro llegó hace rato. Percepciones de un tiempo de cambios: familia, escuela, trabajo y política. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009.

**JUVENTUDE NA CONTEMPORANEIDADE**

**YOUTH IN CONTEMPORARY**

---

*Thiago Reisdorfer\**

**Palavras-chave:** Juventude, representações sociais.

**Keywords:** Youth, social representations.

A obra, ainda inédita em português, de Flôrência Saintout foi escrita em meio aos complexos debates construídos em torno das mudanças pelas quais passa a nossa sociedade. Nessa senda de discussão, Flôrência Saintout busca apresentar e problematizar representações e sentidos construídos, elaborados e ressignificados por jovens acerca das transformações que os mesmos vivenciam no mundo atual. Através de uma escrita fluida e de fácil acesso, a autora nos apresenta à distintas formas de ser jovem, de sentir e representar a sociedade e suas instituições a partir da especificidade de ser jovem hoje.

A autora é professora da Universidad Nacional de La Plata (UNLP) e da Universidad Nacional de Quilmes. Além disso, dirige o Observatorio de Juventud, Medios y Comunicación, que tem por objetivo construir um espaço de diálogo entre as diferentes pesquisas sobre juventudes, articulando propostas de atuação política visando avanços na solução de problemas detectados entre a juventude.

A pesquisa da qual seu livro é o resultado, tem por foco, jovens da cidade de La Plata, capital da província de Buenos Aires. Inicialmente objetivava problematizar e compreender as transformações pelas quais a sociedade contemporânea, principalmente após a queda do Muro de Berlim, vem passando. É durante a pesquisa que Saintout percebe a posição privilegiada que a juventude ocupa nesse processo de mudança histórica. Dessa forma, um estudo que inicialmente tinha como problemática as transformações e continuidades pelas quais passava a sociedade contemporânea, se transformou num estudo sobre como os jovens representam esse processo.

A partir dessa “guinada”, a problemática central passou a ser, nas palavras de Saintout:

[...] como es que, en el marco de la incertidumbre, los jóvenes están imaginando, construyendo, representaciones con respecto a las instituciones tradicionales, aunque no desde una continuidad lineal. Como es que viven la

incertidumbre, de qué forma ésta atraviesa sus presentes y, entonces, las formas de imaginar lo que vendrá (SAINTOUT, 2009, p. 11).

Nesse sentido, a autora, que possui formação em comunicação social, problematiza, numa perspectiva que leva em consideração a historicidade do processo, a própria condição de ser jovem, bem como as representações construídas e/ou reelaboradas a respeito do que a autora define como instituições tradicionais. No seu trabalho apresenta e analisa quatro dessas instituições, sendo elas, a escola, a família, a política e o trabalho.

Para problematizar essas questões a autora se utiliza de entrevistas semiestruturadas com jovens de diferentes classes sociais, com idades que variam de 13 a 29 anos. As entrevistas são feitas a partir de um questionário pré definido, que é apresentado ao leitor no final da obra, sendo que, segundo a autora, durante as entrevistas os jovens tem total liberdade para trazerem as questões que consideram pertinentes. Além das entrevistas, Saintout organiza debates entre os jovens a partir de um grupo formado com este fim. Os debates são observados e tem por intuito, perceber como diferentes jovens, quando em diálogo direto, significam as problemáticas anteriormente apresentadas a eles nas entrevistas. Esses debates são utilizados de forma auxiliar durante a construção de sua argumentação na obra.

A obra parte de uma contextualização e discussão teórica a respeito de uma série de conceitos utilizados no campo da pesquisa a respeito da juventude. Saintout dialoga com autores de diversas áreas do conhecimento, desde os historiadores Jean-Claude Schmitt e Giovanni Levi, organizadores da obra *A História dos Jovens* (1996), passando por Bourdieu e suas discussões a respeito das noções de *habitus* e estruturas estruturantes e estruturadas. Essa problematização, tem início com uma cuidadosa historicização do que é ser jovem em diferentes tempos e lugares, tendo sua escala diminuída para apresentar o contexto e as representações com as quais a juventude argentina, que é o alvo da análise da autora, dialoga.

Após a abordagem teórica, Saintout, dá início a problematização das relações entre a juventude e as instituições sociais que busca pensar. De início são discutidas as representações a respeito da família. Saintout apresenta uma breve discussão acerca do desenvolvimento histórico das relações familiares e da inserção dos jovens nessa lógica. Esta proposta de contextualização histórica se repete na discussão das demais instituições. Apresenta também, uma breve historicização das causas e do momento em que entrariam em crise. Nesse ponto, a autora discute como os jovens tem encarado a família de diferentes formas, a partir da especificidade de seu lugar social, capital cultural e mesmo de acordo com a classe a que esses jovens pertencem. Para analisar as representações sobre a família, a autora problematiza diversas instâncias das experiências dos jovens, tais como, o matrimônio, filhos, gravidez na adolescência, a sexualidade, o divórcio, as

estruturas de poder familiares, as relações de gênero, entre outras. Após essas discussões, Saintout nos apresenta a família enquanto uma instituição que não está em vias de desaparecimentos, mas sim, é re-elaborada, ressignificada nas representações desses jovens, que lançam novos olhares sem romper completamente com essa instituição, ainda encarada como importante.

Num segundo momento, a autora problematiza as representações de jovens a respeito do trabalho. Assim como no restante de sua obra a categoria *classe*, não enquanto conceito abstrato, mas como realidade vivenciada, aparece como um dos determinantes principais das representações construídas pelos jovens. Saintout problematiza como jovens de diferentes classes sociais representam as incertezas apresentadas pelo mundo do trabalho, bem como, analisa diferentes formas de se inserir no mercado de trabalho em busca de segurança e estabilidade. Apresenta também, uma discussão a respeito da perda de direitos sociais, bem como da maior instabilidade no trabalho, situações que fazem com que o jovem não sinta mais o trabalho como um local de segurança e estabilidade social. Enquanto outras gerações viam no trabalho inclusive um local de *anclaje* identitária, bem como de definição de identidades, para os jovens hoje, o trabalho seria apenas um meio para o consumo, não mais se constituindo num fim em si mesmo.

A política está, segundo a autora, amplamente desacreditada na sociedade argentina, o que, segundo ela, acaba influenciando nas representações que os jovens constroem sobre essa instituição. Na obra é apresentada uma mudança estrutural muito importante com relação aos modos de atuar politicamente. O campo de atuação política teria passado dos sindicatos, das fábricas, dos protestos de ruas, para o campo do cultural e do simbólico. Enquanto outras gerações viam na tomada do estado democrático a oportunidade de mudança social, os jovens são apresentados como possuidores de uma descrença muito grande em relação aos representantes políticos, quer estejam no poder ou não. Essa descrença no sistema político tradicional é problematizada a partir da noção de que os jovens constroem outras instâncias de atuação política, que não o sistema tradicional. Nesse sentido, a cultura é apresentada como um dos principais espaços de atuação política desses jovens.

A respeito da escola, a autora argumenta que essa instituição tem sido questionada pela sociedade, e pelos jovens em especial, na sua condição de única instância legítima de transmissão do conhecimento. Apesar de, segundo Saintout, os jovens não questionarem a importância da escola nas suas vidas, ela não é mais o único meio de obtenção de conhecimento, competindo agora com os meios de comunicação midiáticos e a Internet. Além disso, o espaço da escola teria deixado de ser apenas um lugar de aprendizagem, para se tornar um local de múltiplas sociabilidades. Ao mesmo tempo a escola, ao contrário da universidade, deixa de ser um meio de ascensão social, para ser, entre as classes de maior capital cultural, um

meio para se atingir a universidade, e para as classes pobres um meio de conseguir maior segurança nas relações sociais, pois o estudo é encarado como um meio de proteção em nossa sociedade.

A possibilidade de trabalhar com a ideia de juventude no singular, é elaborada pela autora, a partir da noção de que os jovens tem de construir e/ou re-elaborar representações que deem conta da época em que todos nós vivemos. Segundo a autora, os jovens compartilham uma época marcada por “gran incertidumbre, de crisis estructural y de uma profunda vulnerabilidad y precariedad” (p. 165). Assim, como todos os jovens estudados compartilham um mesmo tempo histórico, os mesmos compartilhariam sentidos, sendo, dessa forma, possível trabalhar com a noção de juventude no singular, desde que respeitando alguns limites visando não cair em generalizações. Essas representações são construídas a partir do lugar social específico em que cada jovem se encontra. São construídas e reelaboradas a partir de suas vivências e experiências que constituem suas subjetividades.

Em síntese a obra problematiza os diferentes sentidos que os jovens dão às incertezas de nosso tempo. Sentidos esses que vão desde a celebração da expansão das liberdades dos sujeitos, até o medo de que essas incertezas acabem solapando qualquer possibilidade de vida digna.

### **Nota**

\* Mestre em História, Poder e Práticas Sociais pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). E-mail: thiagorhs@hotmail.com

Recebido em: março de 2012.

Aprovado em: maio de 2012.